

Estilo e expressividade em textos poéticos: a interpretação de figuras por alunos surdos

Style and expressivity in poetic texts: the interpretation of figures by deaf students

Cássio Almeida da SILVA (IFAC)
mrcassio13@hotmail.com

Alexandre Melo de SOUSA (UFAC)
alexlinguista@gmail.com

Rosane GARCIA (UFAC)
garcia.rosane@gmail.com

Recebido em: 11 de abr. de 2019.

Aceito em: 03 de out. de 2019.

SILVA, Cássio Almeida da; SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane. Estilo e expressividade em textos poéticos: a interpretação de figuras por alunos surdos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. esp., p. 113-129, ago. 2020. DOI: 10.22168/2237-6321-8esp1553.

Resumo: O presente artigo discute questões de estilo e expressividade a partir de textos poéticos por alunos surdos, por meio da poesia sinalizada, na perspectiva do ensino bilíngue, com vistas à interpretação dos recursos expressivos presentes na poesia de Cecília Meireles. A fundamentação teórica do trabalho teve como base os estudos de Martins (2000), Duarte (1996, 2006), Monteiro (1991), Guiraud (1970), Sacks (1989), Gesser (2009), Vargas e Sousa (2017), Lima, Sousa e Garcia (2017) e Quadros e Karnopp (2004). A proposta foi aplicada para 03 (três) alunos surdos do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), do Segundo Módulo do Ensino Fundamental II, em novembro de 2017. Utilizamos vídeos com a poesia “Tarde de chuva” sinalizada e com legendas em Língua Portuguesa. Após a exibição do vídeo, foi proposto que os surdos produzissem imagens com a interpretação do texto poético. Após a aplicação e análise das imagens pictóricas, produzidas pelos estudantes, observamos que os discentes perceberam os recursos de expressividade presentes no texto, especialmente a metáfora e a prosopopeia.

Palavras-chave: Expressividade. Textos poéticos. Alunos surdos.

Abstract: The present article discusses questions of style and expressiveness from poetic texts by deaf students, through poetry signaled, from the bilingual teaching perspective, with a view to interpreting the expressive resources present in the poetry of Cecília Meireles. The theoretical basis of the work was based on the studies of Martins (2000), Duarte (1996, 2006), Monteiro (1991), Guiraud (1970), Sacks (1989), Gesser (2009), Vargas and Sousa (2017), Lima, Sousa and Garcia (2017) and Quadros and Karnopp (2004). The proposal was applied to three (3) deaf students of the Center for Youth and Adult Education (CEJA), of the Second Elementary School Module II, in November 2017. We use videos with the poetry “Tarde de chuva” signaled and with subtitles in Portuguese Language. After the video was shown, it was proposed that the deaf produce images with the interpretation of the poetic text. After the application and analysis of the pictorial images, produced by the students, we observed that the students perceived the resources of expressiveness present in the text, especially the metaphor and prosopopeia.

Keywords: Expressiveness. Poetic texts. Deaf students.

Introdução

O presente artigo apresenta resultados da pesquisa desenvolvida no âmbito da estilística, tomando como base a interpretação da expressividade em textos poéticos por alunos surdos. Inicialmente, apresentamos discussões sobre os conceitos de estilo e expressividade para, em seguida, debruçarmo-nos na análise propriamente dita e, por fim, apresentarmos uma proposta de intervenção que considere as especificidades do aluno surdo, numa perspectiva, portanto, bilíngue, garantida pelas novas políticas inclusivas e pelas novas adequações curriculares impostas na legislação que oficializa e reconhece a Libras (Lei Nº 10.436/2002), regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, como sendo a Língua Brasileira de Sinais e a língua usada pela grande maioria dos surdos dos centros urbanos. Essas conquistas oferecem aos alunos surdos a oportunidade de usufruírem do acesso à informação, da competitividade, no intuito de alcançar a tão sonhada autonomia.

Sabemos que todos os cidadãos têm direito, com deficiência ou não, ao acesso à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer e aos demais recursos que lhe são necessários ao gozo do pleno desenvolvimento e convívio em sociedade como ser humano (BRASIL, 1988). Porém, ao longo da história, como abordaremos no decorrer das seções do nosso trabalho, os alunos surdos, por vários momentos na história, foram julgados como seres incapazes de realizarem atividades executadas por qualquer outro aluno ouvinte. Ou seja, eles foram excluídos, por muito tempo, da sociedade, e seus direitos, como o direito à educação, foram cerceados.

Dessa forma, nossa pesquisa visa apresentar uma proposta de atividades com foco na interpretação da expressividade poética, por alunos surdos do Ensino Fundamental II, por meio de imagens. Propomos, aqui, um trabalho com a poesia sinalizada, na perspectiva do ensino bilíngue, com vistas ao reconhecimento dos recursos expressivos presentes na poesia de Cecília Meireles. A interpretação, pelos estudantes, deu-se por meio de um texto não verbal e pictórico, a partir do qual apresentaram os recursos de expressividades observados no texto.

Concepções de estilo

Duarte (1996), em seu trabalho intitulado “Fato de estilo: uma questão em aberto”, explica que “nenhum conceito se presta mais a desacordo que o de estilo”, tendo em vista as diferentes abordagens em torno de si: algumas abordagens ficam na esfera metafísica e psicológica, enquanto outras, na esfera linguística. Em outro trabalho, Duarte (2006) volta a afirmar que a Estilística pode propor múltiplos olhares ao mesmo objeto e que isso não invalida a Estilística como ciência humanística.

Monteiro (1991, p. 9) também concorda que definir o termo “estilo” não é uma tarefa nada fácil, tendo em vista ser o campo de atuação da estilística tão abrangente. Pensando nisso, iniciaremos discutindo a temática baseando-nos no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Machado (1977) e no de Linguística e Gramática de Câmara Jr. (1997).

O termo “Estilo” – registrado pela primeira vez em nossa língua no século XIV – Provém do latim *stilus* “qualquer objeto em forma de haste pontiagudo, ponteiro de ferro usado para escrever sobre tabuinhas enceradas” (MACHADO, 1977, p. 37).

Já Câmara Jr. (1997), em seu dicionário de linguística e gramática, afirma ser estilo uma maneira típica porque nos exprimimos linguisticamente, individualizando-nos em função da nossa linguagem. Ainda segundo Câmara Jr. (1997, p. 28), “o estilo é, principalmente, importante na linguagem literária, porque aí ‘os processos estilísticos se acham a serviço de uma psique mais rica e especialmente educada para o objeto de exteriorização’”.

Câmara Jr. (2004) argumenta que, se a essência do estilo está em uma manifestação psíquica ou um apelo por meio da linguagem, a base verdadeiramente sólida da estilística é o balanço dos processos expressivos, em geral, de uma língua, independentemente dos indivíduos que dela se serve.

Ficamos, contudo, com os ensinamentos de Duarte (1996, p. 53) que conclui, após uma discussão panorâmica sobre a questão, que o estilo constitui um desvio, “Não o desvio em relação a uma norma, mas o desvio instaurado em dado contexto”.

Expressivo da língua e as figuras de linguagem

Vale lembrar que a língua, levando-se em conta a esfera expressiva, está a serviço do usuário naturalmente, em todos os níveis de linguagem: fonológico, morfológico, sintático, textual etc. Como explica Bally (1941), a língua está exposta a um amplo conjunto sistemático de elementos expressivos, passíveis de descrição, análise e reflexão. A expressividade deve ser estudada, portanto, levando-se em consideração “fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade” (BALLY, 1941, p. 16).

Guiraud (1970), por sua vez, destaca que “a expressão é a ação de manifestar o pensamento por meio da linguagem”. Entende-se, desse modo, que “a língua é composta de formas (tempos de verbos, plurais e singulares), de estruturas sintáticas (elipse, ordem das palavras), de palavras que são outros tantos meios de expressão” (GUIRAUD, 1970, p. 70). Vargas e Sousa (2017) explicam, baseados em Guiraud (1970), que:

o estudo da expressão sobrepõe-se à língua e ao pensamento, à linguística de um lado e de outro à psicologia, sociologia, à história, etc. há uma gramática da expressão, que é como uma fisiologia em relação à anatomia constituída pela gramática descritiva tradicional (VARGAS; SOUSA, 2017, p. 255).

Vejamos, por exemplo, o caso da expressividade sonora, cujo estudo está a cargo da Fonoestilística. De acordo com Martins (2000, p. 26), podemos observar valores expressivos de origem sonora nas palavras e nos enunciados. Os fonemas, portanto, constituem um complexo sonoro de extraordinária importância da função emotiva e poética. Dessa forma os sons da língua, como sons de outros seres, podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagradado e ainda sugerir ideias, impressões.

Para Martins (2000, p. 26), “o modo como o locutor profere as palavras da língua podem também denunciar estados de espíritos ou traços de personalidades”, mas essas impressões e sugestões oferecidas pela matéria fônica são perceptíveis de maneiras diversas conforme a pessoa. Dessa forma, temos os artistas, poetas trabalhando com a palavra e são eles que melhor apreendem o potencial de expressividade dos sons e que deles extraem um uso mais elaborado.

Assim, deve-se entender que os sons se articulam em suas combinações, jogos de timbre, melodia, intensidade, duração, repetição, assonância, aliteração, silêncio, etc. Deve-se entender como tudo que produza sensações musculares e acústicas. Dessa forma, na fonologia há lugar para a fonologia expressiva, que pode nos dizer muito analisando o que nos diz e o instinto. Ainda segundo Martins (2000, p. 26), “há uma correspondência entre os sentimentos e os efeitos sensoriais produzidos pela linguagem”.

E nessa tentativa de alcançar esse preciosismo, muitas vezes, acabamos por nos afastar dos padrões pré-estabelecidos nas gramáticas normativas. Em alguns casos, subvertemos a semântica atribuindo às palavras vários outros significados, significados estes divergentes daqueles encontrados nos dicionários. E, quando a palavra ganha esses desvios e esses novos significados, falamos que elas estão sendo usadas com a função estilística, com recursos conhecidos como *figuras de linguagem*.

Para Câmara Jr. (1997 p. 116), *Figuras de Linguagem* – são aspectos que assume a linguagem para fim expressivo, afastando-se do valor linguístico normalmente aceito e podem ser: (a) palavras ou tropos como a *metáfora*, a *metonímia*, a *hipérbole*; (b) de sintaxe ou de construção frasal como o *anacoluto*, a *elipse*; (c) de pensamento como a *ironia*, a *prosopopeia*.

Ainda segundo Câmara Jr. (1997, p. 117), as figuras de palavras referem-se à significação dos semantemas, desviando-o da significação normal. Já as figuras de sintaxe alternam a estrutura normal da enunciação oracional e as figuras de pensamento resultam de uma discrepância entre o verdadeiro propósito da enunciação e a sua expressão formal.

Para o presente artigo, interessa-nos, de perto, duas principais figuras de palavra: *metáfora* e *personificação* — cujos valores expressivos se projetam na linguagem poética que analisaremos, como desvio instaurado em dado contexto, tal como ensinou Duarte (1996).

Metáfora

Para Rocha Lima (1978, p. 501), a *metáfora* consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é sua, em virtude de uma comparação implícita. Como podemos ver no exemplo abaixo, extraído de Meireles (1997, p. 252) nos versos 1, 2 e 3:

- (1) A **nuvem negra**
 (2) é uma outra **noite precoce**
 (3) que chega do Oeste.

Ao observarmos as palavras *nuvem negra* no texto, podemos perceber que elas aparecem transfiguradas, enriquecidas, ganhando novos valores expressivos, principalmente, em virtude da comparação por proximidade de características da nuvem com a noite chegando do Oeste.

Personificação ou prosopopeia

Para Rocha Lima (1978, p. 503), a metáfora reveste-se de diversas modalidades, entre as quais merece destaque a *personificação*. Segundo o autor, entende-se por personificação a atribuição a seres inanimados de ações, qualidades, ou sentimentos próprios do homem. Como podemos ver no exemplo abaixo, extraído de Meireles (1997, p. 252) nos versos 15 a 18:

- (15) Cai uma chuva **alegre**,
 (16) que não apaga o trinar dos pássaros.
 (17) O tijolo **bebe** cada gota,
 (18) Instantaneamente.

Nos exemplos acima, nota-se a utilização da personificação, na medida em que características de seres animados (que possuem alma, vida) são atribuídas a seres inanimados, como é o caso da *chuva alegre* e do *tijolo bebendo cada gota da chuva*.

A expressividade na Libras

Com base nas discussões anteriores, podemos questionar: a expressividade só se manifesta na materialidade verbal (oral ou sinalizada)? Considerando as especificidades linguísticas dos sujeitos surdos, que se utilizam de elementos linguísticos não manuais (MNM), como são identificadas as marcas de expressividade?

Inicialmente, faremos algumas considerações, ainda que panorâmicas, sobre a Língua Brasileira de Sinais e sobre a expressividade nas línguas de modalidade espaço-visual. A esse respeito, Felipe (2013) explica que:

[...] é possível descrever as expressões afetivas, que são paralinguísticas, e as expressões verbo-visuais gramático-discursivas, porque esse componente suprasegmental precisa ser analisado para uma melhor compreensão do enunciado enquanto comunicação social (FELIPE, 2013, p. 72).

Vargas e Sousa (2017, p. 252) destacam que é necessário levar em consideração elementos linguísticos que vão além da mera reprodução textual por meio de sinais. Sentimentos e emoções são expressos, também, com a utilização de outros recursos. Nos termos de Felipe (2013):

[...] através de gestos e postura corporal, das expressões faciais e do olhar, sendo possível apreender estados e sensações como, por exemplo: alegria, tristeza, angústia, insegurança, dúvida, ironia, surpresa [...] que são atitudes comportamentais (FELIPE, 2013, p. 74).

As expressões faciais e corporais, segundo Vargas (2017, p. 36), constituem, também, elementos da gramática da língua de sinais, sendo essenciais para seu entendimento, e são responsáveis por marcar “sentenças interrogativas, negativas, concordância, topicalizações e referências específicas, entre outros”¹.

Nos termos de Sacks (1989):

O rosto também pode ter funções linguísticas especiais na língua de sinais: por exemplo [...], expressões, ou melhor, “comportamentos” faciais específicos às vezes servem para indicar construções sintáticas como tópicos, orações relativas e perguntas, funcionar como advérbios ou ainda quantificar. É possível usar também outras partes do corpo. Qualquer um desses recursos, ou todos eles — essa vasta série de inflexões reais ou potenciais, espaciais e cinéticas —, pode convergir sobre os sinais radicais, fundir-se com eles e modificá-los, compactando uma quantidade enorme de informações nos sinais resultantes (SACKS, 1989, p. 44).

Dessa forma, a língua de sinais não é composta apenas pelos sinais feitos pelas mãos, mas por todo um conjunto de expressões corporais, faciais, direcionamento do olhar e postura do sinalizador. É fundamental, para o entendimento adequado da mensagem, que essas expressões sejam associadas aos sinais, caso isso não aconteça, a mensagem poderá ser entendida de forma inadequada ou o sinalizador ser visto como irônico (LIMA; SOUSA; GARCIA, 2017).

¹ Sobre isso, conferir Quadros e Karnopp (2004).

Metodologia

Propomos um trabalho com a poesia sinalizada, na perspectiva do ensino bilíngue, com vistas ao reconhecimento dos recursos expressivos presentes na poesia da Cecília Meireles. Entendemos que tais recursos ajudam e estimulam a criatividade e expressões corporais que encorajam o desenvolvimento das faculdades intelectuais dos estudantes surdos, aguçando a imaginação, pensamento crítico e interpretação, numa tentativa de fazê-los reagir emocionalmente e sensitivamente à arte. A interpretação, pelos estudantes, ocorrerá por meio de um texto não verbal e pictórico, a partir do qual, apresentarão recursos de expressividade observados no texto.

Inicialmente, apresentaremos a descrição de cada etapa de aplicação realizada no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), no mês de novembro de 2017. No segundo momento, apresentaremos a análise das imagens produzidas pelos alunos surdos, resultado das interpretações de cada um deles.

Para tal feito, adotamos uma metodologia eminentemente visual, pois acreditamos que é por esse caminho que os alunos surdos obtêm, compreendem e absorvem de uma maneira mais eficaz e plenamente as discussões que lhe são propostas.

Em nosso encontro, numa tentativa da melhor absorção dos recursos expressivos trabalhados, utilizamo-nos de diversos recursos tecnológicos didáticos, entre os quais câmera filmadora, câmera fotográfica, notebook, projetos de multimídia, livro, papel, canetas coloridas, pranchetas.

Durante todo o encontro, os estudantes surdos tiveram a Libras como forma de comunicação, e acreditamos que essa estratégia acabou colaborando, de forma significativa, para a criação de um ambiente de trabalho favorável à socialização das informações e das pessoas do grupo, por ser, neste caso, a primeira língua (L1) dos surdos.

O nosso objetivo era oportunizar aos alunos surdos a maior proximidade com os poemas trabalhados e em um formato acessível, a fim de que os integrantes do grupo pudessem, de uma forma mais atrativa e lúdica, se familiarizar com os recursos expressivos presentes nos textos.

No vídeo, constava uma breve orientação para os alunos com a finalidade de prender a atenção deles. Partimos para a apresentação dos vídeos com o poema “Tarde de chuva”, de Cecília Meireles, que apresentamos a seguir, em Língua Portuguesa:

Tarde de Chuva – Cecília Meireles

- (1) A nuvem negra
 - (2) é uma outra noite precoce
 - (3) que chega do Oeste.

 - (4) As mães chamam pelos filhos
 - (5) exatamente como se aquela sombra
 - (6) fosse um exército inimigo.

 - (7) Os pássaros fogem
 - (8) por todos os lados
 - (9) e os jasmins deixam cair
 - (10) suas brancas estrelas
 - (11) ao vento que frisa
 - (12) a água verde do tanque.

 - (13) As margaridas inclinam-se
 - (14) tontas, tontas.

 - (15) Cai uma chuva alegre,
 - (16) que não apaga o trinar dos pássaros.
 - (17) O tijolo bebe cada gota,
 - (18) Instantaneamente.

 - (19) Esta é uma chuva
 - (20) Das que trazem colar de arco-íris.
 - (21) Esta é uma chuva
 - (22) dançarina de cristal.
 - (23) Mas, de repente, o trovão fala, severamente.
 - (24) E tudo preta atenção.

 - (25) A nuvem negra
 - (26) chega do Oeste
 - (27) e é como a noite,
 - (28) em plena tarde,
 - (29) no meu jardim.

 - (30) E o vento desce
 - (31) nas margaridas,
 - (32) e se arredonda
 - (33) entre as mangueiras,
 - (34) e se desfolha
 - (35) na leve sebe
 - (36) e é verde e branco.
- (MEIRELES, 1997, p. 252).

Figura 1 – Tradução/interpretação do vídeo²

Fonte: Dados da pesquisa.

Logo após, o texto poético foi apresentado em Libras e em Português:

Figura 2 – Tradução/interpretação do vídeo



Fonte: Dados da pesquisa.

² A tradução do poema para a Língua Brasileira de Sinais, bem como a sinalização foi realizada pelo intérprete Israel Queiroz de Lima, da Universidade Federal do Acre.

Por fim, a atividade foi solicitada.

Figura 3 – Tradução/interpretação do vídeo



Fonte: Dados da pesquisa.

123

Análise dos dados

Zilberman (2008) trata sobre a importância da literatura, principalmente, pelo seu poder de instigar a imaginação: “Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação” (ZILBERMAN, 2008). Candido (1995) mostra-nos a literatura como uma manifestação cultural dos homens em todos os tempos e lembra que não há povo sem literatura “[...] que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995, p. 245).

Para a proposta, usamos o texto *Tarde de Chuva*, de Cecília Meireles, como informado anteriormente, por meio do qual a poetisa dá vida a algo inanimado, a *chuva*, que serve como caminho para dar passagem a várias vivências existentes na vida cotidiana. A chuva é protagonista dos 36 versos que compõem o poema que serve de motivador ou aguçador da imaginação dos alunos.

A imagem a seguir foi produzida por um estudante surdo (doravante denominado “A”), na Sala de Recursos, do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), em novembro de 2017. O referido estudante, da faixa etária entre 14 e 19 anos, cursava o 8º ano do Ensino Fundamental II.

Figura 4 – Imagem produzida pelo aluno “A”



Ao analisar a imagem produzida pelo aluno “A”, é possível observar que ele contempla muitos dos sentimentos e sentidos que Cecília Meireles expressa em seus textos. Sentidos e coloridos na linguagem que a consagrou como uma das maiores poetisas no Brasil.

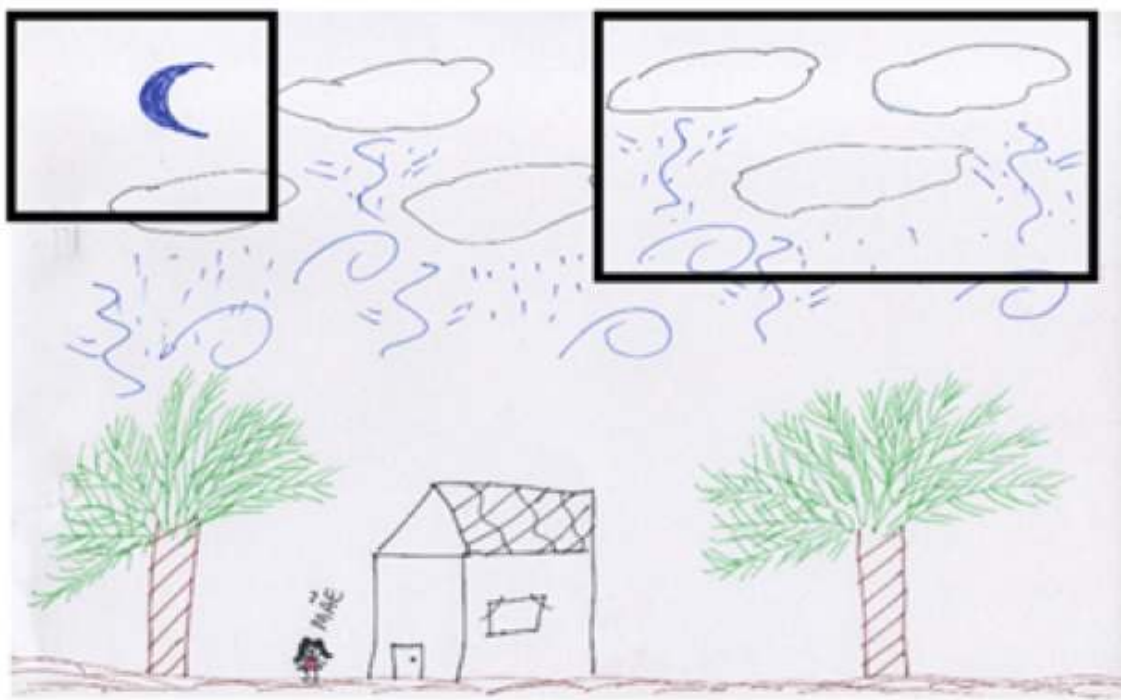
No decorrer da nossa análise, evidenciamos tais fenômenos de expressividades através de um quadrado de bordas pretas nos lugares em que eles acontecem. Lembramos que o texto *Tarde de Chuva* foi apresentado para os discentes através de um vídeo em Língua Brasileira de Sinais pelo intérprete.

Logo na primeira estrofe do texto, é possível notar a presença de uma *metáfora*. Tal recurso vem numa tentativa da escritora de transportar os leitores de uma linguagem literal para uma linguagem figurada, carregada de energia, em que as palavras passam a ganhar novos sentidos aguçando a imaginação dos leitores, fazendo-os viajarem no mundo encantado da poesia.

No vídeo, os versos 1, 2 e 3 foram apresentados aos estudantes destacando alguns parâmetros de expressividades corporais que envolvia, simultaneamente, uma combinação de movimentos circulares com braços e mãos e expressões faciais apresentando o mau pressentimento contido no texto através da metáfora.

Essa comparação, por analogia de características, que vem fazendo as palavras ganharem novos sentidos, é ilustrada no texto do aluno “A”, apresentado na Figura 4, quando ele reproduz as nuvens desenhadas com caneta de tinta preta e uma lua representando a mudança do tempo apresentada no poema. Como podemos observar na sequência:

Figura 5 – Imagem produzida pelo aluno “A”



Fonte: Dados da pesquisa.

Dando continuidade, é possível observar que Cecília Meireles utiliza o recurso da *personificação* da chuva, provocando um efeito de sentido bem distinto do conceito denotativo de chuva constante nos dicionários *Cai uma chuva alegre /que não apaga o trinar dos pássaros, /o tijolo bebe cada gota, /instantaneamente [...]*.

Na interpretação em Libras, a personificação é traduzida pelo movimento das mãos abertas, em movimento vertical em zig-zag, para baixo, acompanhado da expressão facial indicando alegria.

Na imagem produzida pelo aluno “A”, é possível notar que o fenômeno ilustrado nos versos da poetisa é contemplado com a presença das gotas de águas caindo das nuvens. Nota-se que a representação da “alegria da chuva” se dá por meio da grande quantidade de gotas, representando o cair dançante das águas.

O mesmo acontece nos versos (20 e 21), novamente, Cecília Meireles se utiliza da *personificação* da chuva: *Esta é uma chuva/dançarina*

de cristal. Na interpretação em Libras, tal fenômeno vem marcado com uma linguagem que apresenta diversos elementos expressivos corporais: movimento das mãos, expressões faciais, movimento do corpo, movimento da cabeça.

Na imagem produzida pelo estudante, é possível perceber que o recurso foi interpretado corretamente pelo aluno, uma vez que ele apresenta traços em forma de ondas em meios aos traços que representam a chuva saindo das nuvens.

Figura 6 – Imagem produzida pelo aluno “A”



Fonte: Dados da pesquisa.

Já nos versos (29, 30, 31 e 32), é possível perceber que a poetisa se utiliza da ilustração sonora, cuja expressividade da mensagem enfatiza e amplia o sentido da palavra *vento* através da figura de linguagem *sinestesia*, com a atribuição do adjetivo *arredondada*. Na interpretação em Libras, o movimento sinuoso das mãos, com configuração em “v”, em associação direta com o sinal de MARGARIDA, representa os versos destacados.

Nas imagens do aluno “A”, é possível observar o vento ganhando esse novo formato que contempla tal fenômeno com traços semicirculares entre as árvores presentes na paisagem. Como ilustrado a seguir:

Figura 7 – Imagem produzida pelo aluno “A”



Fonte: Dados da pesquisa.

Considerações finais

Diante da análise aqui apresentada, acreditamos que os alunos surdos possuem condições de se encontrarem no universo da poesia da Cecília Meireles, pois os elementos de expressividade, presentes no texto, apresentam uma aparência na língua de sinais que possibilitam várias e excepcionais imagens que provocam o leitor infanto-juvenil surdo, que é o nosso público alvo, dando-lhe a possibilidade de viajar pela obra e refletir sobre ela.

Nessa perspectiva, os poemas produzidos vêm no intuito de recuperar a magia que o mundo cotidiano oferece e que, muitas vezes, passa despercebido. Acreditamos, ainda, que é típico da poesia o despertar de emoções e sentimentos. Ela vem com a função de elevar, transportar a vários estágios das intenções estéticas de um texto. A poesia é uma lição de vida de como viver bem em sociedade. Ela nos alimenta e nos dá a sensibilidade necessária, aumentando em nós, humanos, a vontade de ser feliz. Assim, a pesquisa nos ajudou a compreender que o aluno surdo também pode brincar com as palavras e com os sentidos que ela assume em determinados contextos, basta que ela esteja em Libras, pois é de fundamental importância para a compreensão do poema.

Referências

- BALLY, C. **El language y la vida**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1941.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. São Paulo: Pontes, 1995.
- BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamento a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília 23 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em: 10 mar 2018.
- BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 2 mar 2018.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- CÂMARA Jr., M. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2004.
- CÂMARA Jr., M. **Dicionário de lingüística e gramática**. 26. ed. Editora vozes, 1997.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre Azul, 1995.
- DUARTE, P. M. T. Fato de estilo: uma questão em aberto. **Revista de Letras**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Vol. 18, n. 02, 1996.
- DUARTE, P. M. T. Estilística ou estilísticas? **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, Ano 12, n. 34. 2006.
- FELIPE, T. A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-89, Dez. 2013.
- GESSER, A. **Líbras?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GUIRAUD, P. **A estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- LIMA, I. Q.; SOUSA, A. M.; GARCIA, R. Telejornal para surdos: análise dos marcadores linguísticos de expressividade em Libras. In: **Anais da 6a Semana acadêmica de comunicação da Universidade Federal do Acre: Comunicação digital e modelos de trabalho**. Rio Branco: Edufac, 2017. v. 01. p. 112-123.
- MACHADO, J. P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- MARTINS, N. S. **Introdução à estilística**: a expressividade na Língua Portuguesa. 3. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.
- MEIRELES, C. **Poesia completa**. Vol. 3. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1997.

MONTEIRO, J. L. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira** – estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 19 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SACKS, O. **Vendo vozes** – uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VARGAS, V. G. L. **Variação diatópica na língua brasileira de sinais**: a questão do léxico no campo semântico “família”. 2017. 112 f. Dissertação (Mestrado Letras). Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2017.

VARGAS, V. G. L.; SOUSA, A. M. Música para sujeitos surdos: expressividade e paralinguagem. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**. v. 01, nº 01. Rio Branco: UFAC, 2017.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2008.